

## Contraceção e Masculinidade

*Josilene da Silva\**

### Resumo

Este artigo surgiu a partir da necessidade acadêmica de observar a construção da masculinidade no campo da contraceção. Haja visto, que a medicalização contraceptiva, surgida no Brasil na década de 60, centrou-se nos corpos femininos e não nos corpos masculinos.

Palavras Chave: Contraceção. Masculinidade. Discurso

### Abstract

This article responds to the academic silence on the subject of the construction of masculinity in the study of contraception. Considering that the medicalization of contraceptive practices, which emerged in Brazil in the 1960s, has been centred on female rather than male bodies, this subject needs to be addressed. Keywords: contraception, masculinity, discourse

O presente texto versa sobre a maneira como se deu o debate sobre a possibilidade de criação de métodos contraceptivos orais (pílulas) centrados nos corpos dos homens no período de 1970 a 1980, através dos discursos dos jornais de circulação nacional, do discurso médico e da imprensa feminista.

Os contraceptivos hormonais femininos, as conhecidas “pílulas”, foram desenvolvidas, em 1954, pelos cientistas americanos Gregory Pincus e Jonh Rock. Na década de 60, ela entrou em circulação no mercado mundial e, em 1962, no Brasil. A partir da entrada da pílula no país, observou-se um rápido declínio da fecundidade. Na década de 60, a média de filhos era de 5,8, em setenta, 4,3, e, em oitenta, 2,0.

A necessidade de criar pílulas anticoncepcionais foi desenvolvida num contexto de Guerra Fria. Temia-se o crescimento da população mundial em vista da expansão do comunismo, principalmente após a Revolução Cubana em 1959. Mas não só isso. Também, já na década de 50, o crescimento demográfico no globo causava aflições nos países chamados desenvolvidos, em vista das teorias neomalthusianas do século XIX, que ressurgiam novamente em meados do século XX.<sup>1</sup> A “bomba populacional”, ou a “explosão demográfica” que o mundo estava prestes a vivenciar, causava aflições e era necessário desarmá-la. Com este objetivo, criaram-se, em países como Estados Unidos, políticas de controle de natalidade para serem empregadas principalmente em países considerados subdesenvolvidos, pobres, especialmente na Ásia, África e América Latina. Estas políticas, baseadas nas teorias higienistas e evolucionistas, que existiam desde o século XIX, tinham como objetivo impedir o nascimento de populações consideradas inferiores.<sup>2</sup>

A “bomba demográfica” que surgiu na década de 50 e início dos anos 60 só focalizaram o corpo das mulheres. Embora não seja nossa intenção responder o porquê,

---

\* Aluna do mestrado do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joana Maria Pedro. As discussões deste artigo surgiram quando era bolsista do PIBIC-CNPq, onde trabalhei na pesquisa intitulada “A Medicalização da Contraceção: conhecimento e autonomia (1960-1980)”, coordenada também pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joana Maria Pedro, no período de 1999 até meados de 2001.

queremos observar como ocorreram as discussões, na mídia e nos periódicos feministas, com relação às possibilidades de criar pílulas contraceptivas que atuassem no corpo dos homens. Será que a ciência não estava desenvolvida o suficiente? Será que foram as relações de gênero da época que impediram o “desenvolvimento científico”? Será que a baixa medicalização do corpo dos homens por conta da “dominação masculina”<sup>3</sup> foi a responsável por esta situação?

A partir da década de 60, no Brasil, falou-se em desenvolvimento de pílulas anticoncepcionais direcionadas aos homens. Desde este período até hoje, suas pesquisas continuam sendo realizadas em âmbito nacional e as notícias em jornais sobre contraceptivos hormonais masculinos são freqüentemente encontradas. Existe uma série de pesquisas e testes com contraceptivos orais masculinos, concentrados principalmente no nordeste brasileiro, mas nenhum destes contraceptivos entraram em circulação no mercado nacional.

As pesquisas sobre a pílula feminina e a pílula masculina, embora surgidas num mesmo período, e voltadas para o controle do crescimento populacional, trilharam caminhos bem diferentes, pois foram marcadas pelas relações de gênero, que acabaram delegando a responsabilidade da contracepção às mulheres, embora se pretendesse desenvolver contraceptivos orais direcionados aos homens.

Hoje fala-se novamente, e com mais ênfase, em “pílulas para homens”, vasectomia etc... Que contexto era aquele, nos anos 60 e 80, que, no que diz respeito as práticas contraceptivas, fez com que, ao invés de focaliza os dois corpos, masculino e feminino, fossem apenas focalizados os femininos?

Diversos autores têm se preocupado com o estudo da identidade masculina, desenvolvendo inúmeras pesquisas neste sentido. Este campo está atualmente em franca expansão. No Brasil, o debate sobre a masculinidade teve início a partir de 1985, com o “Simpósio do Homem”. O objetivo deste simpósio era discutir problemas enfrentados pelos homens, sendo que vários temas foram debatidos, entre eles o corpo masculino, AIDS e o machismo. A crise de identidade na pós-modernidade fez surgir a necessidade de ampliar os estudos nesta área.<sup>4</sup>

A proposta para a inserção masculina na arena reprodutiva tem começado a ser discutida. Alguns autores, inclusive homens, têm reivindicado a superação tradicional de que a responsabilidade da reprodução, como a da contracepção, recaia somente sobre as mulheres. Jorge Lyra e Benedito Medrado analisam a participação masculina na vida reprodutiva, no Brasil, verificando que ainda aqui, apesar das conquistas femininas, predominam as idéias que dizem que “o filho é da mãe e o pai abre a carteira”, ou seja, de que a criação dos filhos ainda tem se restringido à mulher, não incluindo o pai da criança nessa esfera. Mostram que existe também, ainda hoje, uma tendência jurídica dominante, a qual atribuem às mães a guarda dos filhos e que essas tendências estão pautadas em concepções tradicionais.

No artigo *Saúde e Direitos Reprodutivos: o que os homens têm a ver com isso?*, de autoria de M<sup>a</sup> Juracy Toneli Siqueira, também é abordada a urgência da inclusão do homem nas discussões, investigações e intervenções ao direito reprodutivo e à escolha quanto ao exercício da sexualidade de forma segura e assistida. Segundo Siqueira, existe a necessidade de que os homens “assumam a responsabilidade pelas conseqüências do exercício da própria sexualidade”.<sup>5</sup> Além disso, é proposto relacionar “responsabilidade com a masculinidade hegemônica” e que o ato de assumir o filho seja constitutivo de sua condição de masculinidade. Ou seja, que a responsabilidade com os filhos seja indicadora de seriedade do homem.<sup>6</sup>

O fato de a contracepção tanto a vasectomia, como a possível utilização de pílulas anticoncepcionais pelos homens estar diretamente ligada à sua sexualidade, tornou-se prática não bem vista e aceita pelos homens, já que poderia interferir, de acordo com seu imaginário, de alguma maneira na sua potência sexual. A prática do sexo é um dos pilares da identidade masculina e a compreensão de como a masculinidade é constituída podemos entender a relação conflituosa entre os homens brasileiros e os contraceptivos orais.

Miguel Vale de Almeida, antropólogo, nos ajuda a perceber como a masculinidade é constituída. Ao pesquisar a construção da masculinidade numa aldeia localizada no sul de Portugal, partiu da noção de que a esta “seria um fenômeno do nível discursivo e do discurso enquanto prática e que constitui um campo de disputa de valores morais.”<sup>7</sup> Este autor os mostra também que o modelo ideal da masculinidade hegemônica “exerce sobre todos os homens e sobre todas as mulheres um efeito controlador”, embora este modelo seja um modelo inatingível na prática. A “masculinidade não é mera formulação cultural de um dado natural, e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, auto-vigiado e disputado entre os homens”<sup>8</sup>. As várias masculinidades que permeiam a identidade do homem, de acordo com este mesmo autor, são constituída por assimetrias e hierarquias, onde são detectado modelos hegemônicos e variantes subordinadas.<sup>9</sup>

O estudo de gênero pode nos ajudar a “compreender as relações complexas”<sup>10</sup> estabelecidas entre homens e mulheres, nos ajudando a compreender também as formas pelas quais a masculinidade e a feminilidade foram construídas historicamente. Portanto, essa perspectiva pode nos ajudar a entender que a maneira diferenciada com que as políticas de controle de natalidade trataram os corpos femininos em relação aos corpos masculinos ocorreu devidos às construções de gêneros, tornando os corpos femininos ícones da contracepção medicalizada.

#### **Debate na imprensa brasileira sobre a contracepção: preocupação com a masculinidade**

Para pensarmos os discursos sobre a contracepção masculina, encontrados nos jornais, Michel Foucault nos ajuda quando coloca que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar.”<sup>11</sup> A sexualidade tem sido uma das regiões em que o discurso exerce seus maiores poderes de controle.

Uma das primeiras notícias sobre a pílula masculina nos jornais de circulação nacional foi encontrada no Jornal do Brasil, em 1970, intitulada “U-5897 para o homem”. Esta notícia dizia que os cientistas americanos estavam estudando uma nova droga antifertilizante que seria, talvez, a solução para o problema populacional, tanto dos homens quanto dos ratos. Mas o que esta notícia deixou bem claro para os leitores era que “o novo medicamento não interferia no mecanismo sexual, não tiraria o prazer de um ato sexual, mas somente impedia o espermatozóide de sair de onde se originava.”<sup>12</sup>

No jornal *O Globo*, no dia 27 de novembro de 1972, o médico Elsimar Coutinho, então responsável pelo desenvolvimento das pílulas femininas no Brasil, dizia que suas pesquisas já estavam em fase avançada e argumentava que a pílula deveria estender seus benefícios às camadas mais pobres da população, com o objetivo de solucionar o problema da superpopulação no mundo.

sendo o controle de natalidade o único meio lógico pelo qual se pode solucionar o problema da superpopulação, acho que o Governo brasileiro deveria estender os benefícios desta medida às camadas mais pobres, com a criação de instituições que venham esclarecer o povo sobre as vantagens da contenção de filhos que nascem sem que seus pais os desejem e sem que lhes possam dar uma educação eficiente.<sup>13</sup>

O médico baiano Elsimar Coutinho foi um dos responsáveis, no Brasil, além dos contraceptivos femininos, pelo desenvolvimento de contraceptivos hormonais masculinos. Suas pesquisas nesta área foram financiadas pela Organização Mundial da Saúde, desde a década de 60, sendo um tema amplamente debatido nas Reuniões Nacionais da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana.<sup>14</sup>

Em 1973, este mesmo médico, em uma notícia encontrada no *Jornal da Tarde*<sup>15</sup>, intitulada “Em um ano, a pílula do homem”, dizia ser esta a promessa a cumprir com o povo brasileiro. Apesar da promessa, ela não veio a se concretizar por alguns motivos. Primeiro, a forte preocupação com possíveis efeitos colaterais e, em segundo, aspectos ligados à função sexual masculina, como o temor da perda da potência sexual.

No jornal *Folha de São Paulo*, de 1973, indagava-se: para quando uma “pílula masculina”? Esta manchete dizia como andavam as pesquisas de contraceptivos hormonais para homens e a possibilidade delas virem a existir, alcançando muito êxito assim como as pílulas anticoncepcionais femininas. Desde a década de 60, a pílula tornou-se um dos contraceptivos mais utilizados pelas mulheres no Brasil, especialmente pelas de classe média, embora ela tenha sido direcionada às mulheres pobres. Ainda neste artigo, dizia-se que a existência do anticoncepcional masculino estava longe de ser concretizada pelos possíveis efeitos colaterais, aliados à preocupação com a segurança sexual do homem.

Nada mais natural que, em face do êxito da pílula anticoncepcional para as mulheres, se pensasse em algo semelhante para o homem. Têm-se, “aliás” procurado repetir, de certo modo, no homem, os progressos que nesse terreno se fazem no outro sexo. Assim, ao amarrar das trompas na mulher veio a corresponder a vasectomia, operação cirúrgica que impede a saída do líquido seminal sem agir sobre outros aspectos da função sexual masculina. E à pílula feminina, composto que impede temporariamente a fertilidade, correspondem vários produtos que para fim semelhantes se têm estudado especialmente em animais. Segundo Harold Jackson, do Medical Research Council da Inglaterra e professor de farmacologia da reprodução na universidade da Inglaterra e Manchester, ainda estamos longe de solução satisfatória no homem, porém não se deve encarar com ceticismo a questão, porque, embora a experimentação nesse terreno haja sido muito limitada, pelo menos já dispomos de uma série de agentes esterilizantes masculinos que oferecem boas perspectivas no controle seletivo de pragas, predadores e parasitas. Desses estudos bem poderá surgir um agente dotado de ação segura no homem. Ação segura quer dizer, no caso, poder de esterilização temporariamente aliado à ausência de riscos para a saúde geral e outros aspectos da função sexual.<sup>16</sup>

Em 1976, uma nota no *Jornal de Santa Catarina*, intitulada “Pílula para o homem será liberada no País”, anunciava que a pílula “não afetaria o prazer sexual do homem e inclusive serviria como um estimulante, aumentando o seu prazer, não prejudicando em nada a masculinidade”.

Elsimar Coutinho fez questão de frisar ‘aos menos esclarecidos’ que a pílula anticoncepcional masculina não afeta significativamente nem o libido nem a potência do homem’. Disse que, na maior parte dos pacientes, ela age como estimulante aumentando o prazer sexual e a ereção, não prejudicando em nada a masculinidade do consumidor. E que muitos velhos, com mais de 60 anos normalizaram suas funções sexuais através das pílulas.<sup>17</sup>

A preocupação com a autonomia e informações adequadas sobre o método contraceptivo direcionados aos homens também estavam presentes nesta mesma notícia:

...Elsimar Coutinho informou que só aconselha as pílulas anticoncepcionais aos homens que tinham quatro filhos, quando estará mais maduro sexual e psicologicamente, desaconselhando-a para as pessoas mais jovens sem condições de receber informações precisas sobre sua vida sexual.<sup>18</sup>

Isto é, diferente, por exemplo, do que ocorreu com as mulheres que receberam informações ambíguas e desconstruídas sobre o uso das pílulas anticoncepcionais. A pílula foi lançada no mercado, na década de 60, com apenas alguns anos de experiência, sendo comercializada sem preocupações com a saúde física e, muito menos, sexual da mulher. Em nenhum momento se perguntou a opinião das mulheres sobre a contracepção centrada em seus corpos, não respeitando seu direito de escolha. Os corpos das mulheres se tornaram um campo de prova para os contraceptivos hormonais.<sup>19</sup>

Observamos que, no final da década de 70, discursos nos jornais aparecem anunciando o atraso do desenvolvimento da pílula masculina, porque esta poderia provocar efeitos colaterais semelhantes aos anticoncepcionais femininos.

As pílulas anticoncepcionais para homens cujas pesquisas desenvolvem-se há anos, inclusive no Brasil, não chegaram ao público porque provocam efeitos colaterais que ainda não puderam ser eliminados, afirmou em São José do Rio Preto o médico Elsimar Coutinho, um dos pioneiros na busca pela pílula do homem. Segundo ele, esses efeitos são semelhantes aos anticoncepcionais femininos e o principal é o ganho de peso por um contingente de 60 a 70 por cento dos homens que a ingerem.<sup>20</sup>

A resistência masculina aos possíveis efeitos colaterais aparece em alguns noticiários, como podemos observar neste trecho:

As pílulas anticoncepcionais para homens não chegaram ao público porque provocam efeitos colaterais que ainda não puderam ser eliminados... Engordar 4 ou 5 Kg por um ano para quem vai tomar a pílula por muitos anos é algo que podem concordar as mulheres, mas não os homens.<sup>21</sup>

Através desta notícia, observamos que, no imaginário masculino, era inconcebível o homem sofrer os efeitos colaterais do futuro contraceptivo oral, como o engordar, por exemplo. Mas, e as mulheres? Por que aceitaram engordar ou sentir os diversos efeitos colaterais causados pelas pílulas femininas?

No momento em que a pílula entra no Brasil, em 1962, e especialmente na década de 70, quando passou a ser o método contraceptivo mais utilizado por elas, as mulheres procuravam autonomia. A pílula era algo esperado por elas e representou essa autonomia, pois trouxe a possibilidade de terem controle sobre o seu próprio corpo, podendo controlar sua reprodução independente de seus companheiros. Neste sentido, mesmo com os efeitos colaterais provocados pelas pílulas (como o engordar, e, mesmo, os enjoos) elas preferiram ter essa experiência do que continuar a manter relações sexuais com certos cuidados, pois temiam, por exemplo, uma gravidez indesejada.

Muito se discutiu também sobre a contracepção masculina, no curso de Medicina da Faculdade de São Paulo. Em 1979, foi publicado um volume chamado “Temas da Contracepção”, onde diversos cientistas norte-americanos colocaram os efeitos colaterais e a impotência masculina como os motivos para as limitações do desenvolvimento de uma efetiva pílula para homens. Por outro lado, o médico Emil Steimberger apontou para algumas substâncias que apresentaram, em pesquisas já realizadas, uma efetiva ação

antiespermatogênica.<sup>22</sup> Essas pesquisas, segundo o médico, não tinham sido concretizadas até aquele momento, pois, infelizmente, não estava sendo realizada uma investigação mais profunda, porque seu índice terapêutico foi insatisfatório. A maioria das investigações, de acordo com ele, constituiu-se em observações esporádicas, desordenadas mesmo, e que os efeitos colaterais causados por esses agentes eram poucos. Se fossem as pesquisas levadas adiante, poderiam alcançar êxito.<sup>23</sup>

A contracepção cirúrgica masculina, ou melhor, a vasectomia, também foi discutida e problematizada pelo discurso médico. De acordo com o médico Joseph E. Davis, em artigo publicado em 1979, a popularidade deste método havia aumentado consideravelmente nas últimas décadas. A maioria dos homens que solicitaram a vasectomia, de acordo com suas pesquisas, tinham mais de 30 anos e 2 a 3 filhos. Também foi relatado que os casais que optaram pela vasectomia já tinham utilizado outras formas de contracepção. Alguns casais acharam esses métodos inconvenientes, enquanto outros sofreram os seus efeitos negativos, como no caso da pílula feminina, distúrbios hormonais, ou infecções pélvicas devidos a dispositivos intra-uterinos. A gravidez indesejada e o conseqüente aborto provocado também foram um forte motivo para a adesão à vasectomia.<sup>24</sup>

Os métodos contraceptivos mais recomendados aos homens pelos médicos, conforme a pesquisa de Malcon Potts, conforme sua pesquisa, eram a camisinha ou o coito interrompido, que seriam desprovidos de qualquer problema ou efeito colateral.<sup>25</sup>

### **Discussão feminista sobre a contracepção**

Alguns grupos feministas reivindicaram, através de seus meios de comunicação, como os jornais feministas *Brasil Mulher* (Londrina, 1975-80), *Nós Mulheres* (São Paulo, 1976-78) e *Mulherio* (1981-87), métodos contraceptivos reversíveis para homens e mulheres. Problematizaram as possibilidades da criação de métodos contraceptivos direcionados ao corpo dos homens, como as “pílulas masculinas”, e questionaram seu significativo atraso científico.

O fortalecido Movimento Feminista, na década de 70 foi responsável por várias denúncias contra a atuação da BEMFAM, que era uma entidade que prestava serviço de planejamento familiar no Brasil. Esta entidade foi acusada de distribuir pílulas e DIUs indiscriminadamente às mulheres pobres, sem informá-las dos efeitos colaterais a que estavam sujeitas. Além disso foi acusada de ter esterilizado mulheres sem seu conhecimento e permissão.

Os debates entre alguns grupos feministas sobre a contracepção divergiram em alguns momentos, mas concordavam na crítica à forma fragmentada e ambígua como as informações sobre o uso de contraceptivos chegaram até as mulheres.

A experiência das mulheres com o uso de contraceptivos hormonais foi discutida pelas feministas. Elas foram responsáveis por várias denúncias sobre como os Programas de Planejamento Familiar, implantados no Brasil, eram desprovidos de preocupação com a saúde das mulheres. Num artigo, intitulado “Pílula...Ora Pílula”, encontrado no jornal feminista *Brasil Mulher*, de 1975, as feministas apontavam para os perigos da pílula e como a mesma pílula era distribuída para todos os tipos de mulheres, como se todas fossem absolutamente iguais.

A mesma pílula de certo fabricante é tomada por jovens de 17 anos e senhoras de mais de 40 anos de idade, pelas magras e as gordas, pelas altas e as baixas, pelas robustas e as franzinas, pelas que menstruam normalmente e pelas que fazem de modo anormal, pelas mulheres calmas, nervosas ou deprimidas, pelas que tem apetite sexual normal ou não, COMO SE TODAS AS MULHERES

FOSSEM ABSOLUTAMENTE IGUAIS. A propaganda industrial e comercial passaram a induzir mulheres desinformadas a aceitarem a pílula...<sup>26</sup>

Além disso, chamavam a atenção das leitoras para o fenômeno mais perigoso: o da “ADAPTAÇÃO APARENTE” do organismo relacionada ao uso de pílulas anticoncepcionais. Colocam que até esta adaptação aparente as mulheres passam por uma experiência extremamente desagradável, como náuseas, vômitos, tonteadas, dores de cabeça, entre outros efeitos colaterais. Após contra-indicar o uso da pílula, exortam suas leitoras para que jogassem suas pílulas fora.

Prezada leitora: jogue fora a sua pílula. Mas faça isso agora, imediatamente, assim que acabar de ler este artigo de solidariedade a você. E aconselhe a sua amiga a fazer o mesmo, ou então, não se queixe amanhã, amargamente, de não ter sido advertida a tempo.<sup>27</sup>

Através da pesquisa intitulada “A Medicalização da Contracepção: conhecimento e autonomia (1960-1980)”, coordenada pela professora Joana Maria Pedro, foi possível observar como foi vivida pelas mulheres de camadas médias catarinenses, nascidas nas décadas de 40 e 50, a experiência com o uso das pílulas anticoncepcionais. Foi observado que das 150 mulheres entrevistadas, 10% tinham maridos vasectomizados e 46% eram laqueadas. Nesta pesquisa, foi observado que a maioria dos casais que adotaram métodos irreversíveis - laqueadura e vasectomia - o fizeram pela experiência negativa que tiveram com os contraceptivos hormonais e outros métodos menos seguros. Os problemas mais comuns citados pelas mulheres em relação à pílula, eram os enjoos, dores de cabeça, inchaços no corpo e nas pernas, varizes, aumento de peso, além do desconforto de ter que lembrar todos os dias de tomar o medicamento. Mas, apesar dos problemas, muitas mulheres afirmaram que esta era a maneira mais segura de evitar filhos, conforme afirma uma das entrevistadas:

[...] Eu fazia acompanhamento médico constante, porque ela [a pílula] sempre trazia alguns inconvenientes, dependia do médico. Mas em termos de saúde, as pílulas retinham líquidos, então sempre engordávamos um pouco, os seios ficavam um pouco pesados. Uma coisa que incomodava e que achávamos que estava ligada era com a frigidez feminina. A pílula era associada à frigidez. Os médicos então recomendavam que trocássemos de pílula, para uma que tivesse os hormônios mais compatíveis conosco. Estes eram os inconvenientes, mas compensavam. Traziam a segurança e o não risco de uma gravidez.<sup>28</sup>

Janete Schumam da Silva disse que tinha feito laqueadura e que seu marido, por ser machista, não quis fazer vasectomia. Segundo ela, “machista tem medo de vasectomia”.<sup>29</sup> No dizer de uma outra mulher, Nara Maria Kuhn Goks, seu marido não tinha aceitado fazer a vasectomia porque, segundo ela, “eu tinha que dar um jeito”.<sup>30</sup> Na narrativa de Flávia Maria Machado Pinto, ela comentou que pressionou o marido a fazer a vasectomia. Ele, sentindo-se pressionado, foi procurar um médico, e ao voltar da consulta disse: “o médico me mandou um calhamaço de orientações de métodos e eu disse: não preciso disso, eu já sei o que vou fazer, daí veio a decisão de eu fazer a laqueadura.”<sup>31</sup>

A contracepção, de acordo com Rita Freire, sempre foi de encargo feminino. Mas,

... transferida para o homem, a ameaça passa a recair sobre o seu sentido de virilidade, com todos os fantasmas que possam relacionar-se com o medo da castração. Um medo que, condicionado pelo sentido de poder patriarcal, não encontra saídas para dissipar-se. ‘Ou seja’ \_ ‘cutuca-se o demônio sem permitir que ele se manifeste’.<sup>32</sup>

Esses medos e fantasmas que estão presentes no imaginário masculino, também estão presentes no imaginário das mulheres brasileiras. Essas, de acordo com Rita Freire,

também zelam pelos “falos” de seus homens. Muitas vezes, mesmo tendo maridos predispostos a esterilizar-se, mesmo que não vejam alternativa senão a esterilização para o planejamento da família, e mesmo que morram de medo da cirurgia, elas preferem submeter-se a uma laqueadura, bem mais cara e muito mais agressiva ao organismo.<sup>33</sup>

Muitas mulheres, temendo que seus maridos perdessem a potência sexual, e, conseqüentemente, sua masculinidade, preferiam fazer a laqueadura, pois existe a associação entre capacidade de reprodução e virilidade. No jornal *Mulherio*, de 1982, as feministas diziam, numa reportagem sobre contracepção, que

a grande maioria de pesquisadores eram homens que nunca usariam os métodos que desenvolvem. [...] a mulher é especificamente sacrificada no fato de que a pesquisa dos métodos anticoncepcionais masculinos caminhar a passo de tartaruga, o que há é desinteresse por parte dos cientistas por eles serem homens.<sup>34</sup>

As feministas criticaram de maneira bem irônica os cientistas americanos quando eles falavam que pretendiam colocar a sonhada pílula para homens no mercado somente quando esta estivesse perfeita, sem perigo de efeitos colaterais, diferente do que ocorreu com as mulheres. Salientaram, ainda, que os cientistas iriam utilizar a mesma substância para desenvolver uma pílula feminina, longe de efeitos colaterais, somente depois de desenvolver a tão sonhada pílula masculina perfeita.

### **Considerações Finais**

Para concluir, observamos que o interesse pelo desenvolvimento dos chamados contraceptivos modernos, especialmente pelas conhecidas pílulas anticoncepcionais, esteve relacionado à preocupação com o crescimento demográfico no mundo e à necessidade de controlá-lo a partir da década de 60. Mas, embora houvesse discursos que pretendessem incluir os homens na responsabilidade da contracepção, todas as políticas de controle de natalidade, surgidas neste período, tiveram como alvo às mulheres e não os homens devido às relações de gênero. A concentração dos contraceptivos nos corpos femininos é emblemática dessas relações.

Na década de 70 e 80 no Brasil, observamos que o discurso na imprensa sobre a contracepção masculina e feminina se diferenciou. A pílula anticoncepcional entrou em circulação no mercado mundial sem que soubessem ao certo sobre seus efeitos colaterais no organismo feminino. A narrativa de algumas mulheres sobre sua experiência com o uso desses contraceptivos mostrou-nos que elas reclamaram de muitos efeitos colaterais, de enjoos, dores de cabeças, entre outros. Por outro lado, a possibilidade de controlar seu corpo e sua reprodução fez com que o uso da pílula lhes trouxesse autonomia. A sociedade brasileira, nessas décadas, passou por grandes transformações no que diz respeito ao aumento da força de trabalho feminino, isso também em vista do controle da fecundidade.

Os homens não vivenciaram a mesma experiência contraceptiva que as mulheres. Eles resistiram ao uso dos possíveis contraceptivos, como a pílula masculina, e inclusive, a vasectomia, em vista do medo da perda de sua masculinidade. O desenvolvimento da



pílula para homens nem chegou a ser concretizada.

Através dos discursos proferidos pelos cientistas nos jornais sobre o desenvolvimento da pílula masculina, foi observado que esses discursos estiveram permeados por preocupações com a preservação da masculinidade, ao afirmarem que a pílula não interferiria no prazer sexual do homem e que não haveria a possibilidade de impotência. A preocupação com a manutenção da identidade masculina, era sim, um dos objetivos a serem alcançados por essa possível pílula, quando diziam que esta poderia resolver problemas ligados à impotência sexual. Diferente da pílula para a contracepção, a pílula do Viagra, nos anos 90 fez o maior sucesso entre os homens exatamente por ter a preocupação em resolver problemas de impotência sexual, ou tornar os homens mais potentes ainda, pois esta é a grande preocupação presente no imaginário masculino.

Nas entrevistas com as mulheres falando sobre o uso da pílula, observamos que muitos casais de classe média optaram por métodos irreversíveis - laqueadura ou vasectomia - em vista dos problemas enfrentados principalmente com a pílula. A insegurança de alguns casais que optaram pela vasectomia mostrou-nos a insegurança e o temor pela perda da masculinidade pelo homem. Esta opção muitas vezes era realizada sob pressão de suas companheiras. Outros homens, por outro lado, não aceitaram fazer a vasectomia e muitas mulheres nem cogitaram sobre esta possibilidade.

Através dos discursos feministas, observamos que elas tematizaram a contracepção masculina de maneira diferente dos jornais de circulação nacional e local. Discutiram o atraso científico para a concretização da pílula masculina. Algumas experiências positivas de homens com a vasectomia foram apontadas por elas. O debate feminista sobre a contracepção foi significativo, pois foi responsável por várias denúncias contra a desigualdade com que os sexos foram tratados em relação às políticas de planejamento familiar, além de reivindicarem métodos contraceptivos seguros para homens e mulheres.

---

## Notas

<sup>1</sup> SOBRINHO, Délcio da Fonseca. Estado e população: uma história do planejamento familiar no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; FNUAP, 1993.

<sup>2</sup> Idem. p. 43.

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

<sup>4</sup> Vários. Macho-masculino-homem: a sexualidade, o machismo e a crise do homem brasileiro. Porto Alegre: L&P Editores Ltda, 1986.

<sup>5</sup> SIQUEIRA, Maria Juracy Tonely. Op.Cit. SIQUEIRA, Maria Juracy Tonely. Saúde e direitos reprodutivos: o que os homens têm a ver com isso? Estudos Feministas, CFH/UFSC, v. 8 n. 1/2000. P. 160

<sup>6</sup> Idem. p. 164.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Vale de Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: Anuário Antropológico/95. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1996. p. 163.

<sup>8</sup> Idem. p. 163.

<sup>9</sup> Idem. p. 163.

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, 16(2): 5-22, Jul/dez, 1990.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo. Edições Loyola, 1996.p.10.

<sup>12</sup> U-5897 para o homem. Jornal do Brasil. 6/9/1970. s/ nº de página.

<sup>13</sup> Criador da pílula do homem quer que pobre evite filho. O Globo. 27/11/1972.

- 
- 14 Pílula para o homem será liberada no país. *Jornal de Santa Catarina*. 7 e 8/11/1976. p.6.
- 15 Em um ano, a pílula do homem. *Jornal da Tarde*. 11/04/1973.
- 16 Para quando uma “pílula masculina”? *Folha de São Paulo*. 21/10/1973. s/ nº de página.
- 17 Pílula para o homem será liberada no país. *Jornal de Santa Catarina*. Op. Cit p. 6.
- 18 Idem.
- 19 PEDRO, Joana Maria.
- 20 Pílulas para homens ainda não foram aprovadas. *Jornal de Santa Catarina*. 02/06/1978. p. 1.
- 21 Os efeitos da pílula masculina. *Jornal de Santa Catarina*. 2/6/1978.p.5.
- 22 STEIBERGER, Emil.RIGAU, Luiz J. Rogrigues. Farmacologia da contracepção masculina. In: *Temas da Contracepção*. Lemed, 1979. p. 41.
- 23 Idem.
- 24 DAVIS, Joseph E. Contracepção Cirúrgica Masculina. In: *Temas da Contracepção*. Lemed, 1979. p.53-54.
- 25 POTTS, Malcom. Contracepção Masculina sem Prescrição. In: *Temas da Contracepção*. Lemed. 1979. p. 71-75.
- 26 Pílulas...Ora pílulas!, In: *Brasil Mulher*, n.1. Londrina, dez. 1975, p.7.
- 27 Idem...
- 28 M. B. R. F. Entrevista realizada no dia 14/10/2000, na UFSC, na cidade de Florianópolis.
- 29 Janete Schumam da Silva, Entrevistada no dia 17 de fevereiro de 2000, na cidade de Joinville.
- 30 Nara Maria Kuhn Gocks, Entrevistada no dia 05 de outubro de 2000, na cidade de Lages.
- 31 Flávia Maria Machado Pinto, Entrevistada no dia 05 de outubro de 2000, na cidade de Lages.
- 32 FREIRE, Rita. Xô espermatozóide. In: *Mulherio*. 1986. s/ nº de página.
- 33 Idem.
- 34 Repensando nossas propostas. *Mulherio*. São Paulo. Ano 2, nº 7, 1982. p.1-15